

POEMA EM PROSA

à Ruizinho

Na noite vazia voou um inseto, enquanto o mar descansava de duras batalhas com a Terra. E tudo se acalmou, a névoa veio surgindo de mansinho, amenizando o sofrimento dos corpos arquejantes, suados, eternamente em conflitos. Uma frase boiava na parede, falando de ternura, a mulher nua se escondia entre os lençóis, cansada de sonhar em vão. No céu não existiam propriamente estrêlas, mas o ar estava confuso, violentado pelo rádio em fox-trot.

Na longa noite vazia, um homem beijou uma mulher, e sua carreira de crimes foi oficialmente iniciada. Um adolescente puxou a faca para outro, num súbito rompante de Amor. As mães, cansadas de ninar seus filhos, respiraram um pouco do ar puro da janela, refletindo sobre aquele alvorecer, aquele alvorecer mais distante que nunca, quando os pássaros cantariam uma velha e conhecida canção, e os homens se aproximariam de mãos dadas. Dos rostos das mães cansadas rolaram lágrimas, lágrimas pelo futuro desconhecido que iria absorver seus filhos.

Na madrugada nua partiu um guerrilheiro para a morte, enquanto as boates sacudiam-se ao som desmembrado do século. Um pintor fugiu ao ver o retrato de Cristo com os dentes arreganhados, à maneira de lobo. E um Zepellin cortou românticamente os ares, surpreendendo a todos que não acreditavam em reencarnação. As flôres abriram suas pétalas, sentindo o ruído distante das asas da abelha.

E os homens permaneceram imóveis, surpreendidos súbitamente pelo barulho do vento, que levantava os véus e mostrava a todos o Absurdo Tempo do qual eram vítimas.